

JORNAL: A Tarde
CAD. 1DATA: 10/11/2003 BARRA

PMS	S	EMLE	ALIN
BIBLIOTECA			
Jornal	A Tarde		
Data	10/11/03		
Laudo	Página		
Assunto			
Barra			

Empresário apóia reforma na Barra

Lojistas e donos de hotéis eram maioria no debate de sábado; críticos querem que toda a cidade seja consultada



PATRIMÔNIO

MARY WEINSTEIN

O secretário municipal do Planejamento, Manoel Lorenzo, saiu do debate promovido pela Unibarra (União de Moradores e Comerciantes da Barra), no sábado, com a sensação de que tinha alcançado o sucesso necessário para tocar a obra. Pelo menos foi o que ele declarou ao dar a discussão por encerrada, por volta das 13h30, três horas depois do início da apresentação do projeto que vem causando tanta polêmica: o "Promenade Marítimo do Corredor Turístico da Barra". Lorenzo entrou em clima de "já ganhou" mesmo percebendo que a maioria dos que estiveram ali - e não eram mais de 200 pessoas - era composta por empresários e hoteleiros, os quais se empenhavam em elogiar a "requalificação" proposta por Lorenzo para o trecho da orla compreendida entre o Porto da Barra e o Rio Vermelho. As cidades de Aracaju, Fortaleza, Recife e o bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, foram citados pelos partidários do projeto como referências de orlas exemplares.

Hoteleiros e empresários estavam ansiosos em demonstrar apoio. O empresário Paulo Lebram, proprietário de uma construtora, opinou: "O projeto é verdadeiramente fantástico, uma maravilha, obviamente merecedor de alguns reparos que estão sendo feitos". O engenheiro carioca Francisco de Castro disse que a Barra é muito melhor do que o Leblon (RJ), onde morou, e que "o povo (de Salvador) não tem educação para cuidar das árvores" que estão no percurso em questão.

TURISMO - Rita Bicalho, proprietária de um hotel em Ondina e vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (Abih), acha a obra "totalmente importante". Defendeu: "Você não pode pensar em turismo sem infraestrutura. Em relação às outras capitais do Nordeste, Salvador está deixando a desejar", disse ela. Um dono de restaurante contou exaltado que apostou na Barra ao abrir um empreendimento na Rua Marquês de Leão.

O empresário Sérgio Bezerra foi mais longe. Confessou-se indignado com a colocação de faixas na rua em protesto à queda da balastrada. Sentado à mesma mesa onde estava o secretário, disse que a insegurança abaixo das marquises seria uma "questão de polícia e não do conceito do projeto".

Chango Cordiviola, professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (Ufba) e co-autor da idéia arquitetônica em debate, também estava lá. Ele recapitulou as medidas dos calçadões e ressaltou a importância de se criar melhores condições para o Carnaval. Confessou-se surpreendido pela "guerra da balastrada" e desmentiu que a concepção do projeto reservava espaço para um guarda-corpo de concreto e alumínio. Lorenzo também disse que nunca falou isso.

CONSISTÊNCIA - O professor universitário Paulo Fábio intercedeu garantindo que a balastrada é apenas a linha de frente de toda a indignação endereçada ao projeto que, ao seu entender, é amplamente questionável. Intrigado com a revelação do secretário do Planejamento de que o contrato para execução das obras só seria assinado em junho do ano que vem para ser implementado pela nova administração, depois das eleições, ele quis saber de quanto será a contrapartida do Estado para compor o empréstimo do Ban-

co Mundial. Lorenzo não soube precisar. Disse que acha que é de 30% a 40% do total de R\$ 17 milhões.

Outra informação que o secretário não soube prestar foi sobre a percentagem da projeção da estrutura em balanço sobre a areia da praia que é "tão curtinha", conforme a pergunta feita pela arquiteta Elvira Neves, que despertou a curiosidade de todos.

Frequêntadores reclamam

Apesar do apoio dos empresários, o projeto da prefeitura não chegou sequer perto da unanimidade durante a reunião de ontem. Com a autoridade de quem frequenta a praia do Porto da Barra quase todos os dias, o músico Paquito sugeriu que "estão querendo resolver o problema social da Barra com um projeto arquitetônico que tem uma grande dose de preconceito". Paquito aludia às críticas sobre o número de ônibus de periferia que passam pela Barra e à aborragem a turistas feita por vendedores, como os de picolé.

Para o cantor e dentista Luciano Fiúza, "ainda há muita coisa para ajustar e definir, para que se possa fazer essa obra". Ele disse que, "como baiano e cidadão", se sentiu na obrigação e no direito de discutir o que está sendo oferecido. O médico Oliveiros Aguiar disse que as fotos em simulação colocadas nos murais não serviam como argumentos "porque fotos são capazes de transformar até Canabrava em obra de arte".

Quando a arquiteta Arilda Cardoso, responsável pela requalificação do Campo Grande, falou na importância de se preservar a balastrada do jeito que ela é, e não como "uma

mera imitação", sugerindo que o alargamento do calçadão fosse feito em direção ao acostamento da pista de rolamento da avenida Oceânica, o vereador Pedro Godinho pediu pressa na colocação.

A arquiteta Livia Gabrielli disse que "questões como essa são de interesse de uma cidade inteira e não podem ser resolvidas em fóruns setoriais, em que 80% dos participantes são comerciantes e empresários que gostariam de ver revitalizados os seus negócios".

Livia frisou não ser contra o projeto, mas se contrapõe à forma como as coisas estão sendo conduzidas, como se o espaço público fosse privado. "Existem dois estudos imprescindíveis: um de impacto ambiental e outro que é o Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV), previstos pelo Estatuto da Cidade. A legislação está aí e tem que ser cumprida. Há ainda a imagem urbana que tem que ser preservada", argumentou Livia.

Para a arquiteta, a obra é claramente de impacto e por isso terá que passar por estudos para ver se é positiva ou negativa. E terá que haver audiências públicas para que esse projeto possa ser aprovado.